

## INVERSIÓN SEMÁNTICA EN KAIOWÁ

### Semantic Inverse Kaiowá

**Dra. Valéria Faria Cardoso**

Universidade do Estado de Mato Grosso/UNEMAT-Alto Araguaia/Brasil  
e-mail: valeriafc Cardoso@yahoo.com.br

En este artículo se defiende la idea de que el kaiowá es un lenguaje Activo/Inactivo (Split-intransitivo), y que el caso marcado intra-clausal presenta divisiones motivadas por operaciones morfosintácticas y pragmático, dando lugar a diferentes configuraciones de la marca de caso en la lengua: nominativo/acusativo, ergativo/absolutivo o ergativo/acusativo. En cuanto a la voz inversa, se puede concluir que el análisis de la inversión propuesta por Payne (1994) para los tupí-guaraní, se aplica a los kaiowá, y por lo que se observa desde el análisis, este es un lenguaje de inversión semántica motivado la jerarquía de la persona.

**Palabras claves.** kaiowá (guaraní); las lenguas indígenas; morfosintaxis; caso; voz inversa.

In this paper, the idea of kaiowá as an Active/Inactive (Split-S) is claimed. Splits motivated by morphosyntactic operation and by pragmatics are presented in intra-clausal case marking. It results in different configurations of case marking in the language: nominative/accusative, ergative/absolute or ergative/accusative. Concerning the voice inverse it's possible to conclude that Payne's (1994) analysis of inversion on tupí-guaraní languages is to kaiowá. The semantic inverse motivated by the person hierarchy was also revealed through the analysis.

**Keywords.** kaiowá (guaraní), indigenous language, morphosyntax, case, inverse voice

## **Introdução**

Neste trabalho, apresentamos uma proposta de análise para as construções diretas/inversas, em kaiowá, a partir da análise do sistema de marcação de caso e de suas diferentes configurações morfosintáticas em nível intra-clausal. A análise linguística ampara-se teoricamente na abordagem Funcional Tipológica, mais especialmente, nos trabalhos de Dixon (1979 e 1994), Andrews (1985), Givon (1994), Payne (1994), e Gildea (1994). A língua kaiowá, falada por cerca de 25.000 pessoas, pertence ao subgrupo I da família tupi-guarani, troco tupi (Rodrigues, 1985). A pesquisa linguística vem sendo realizada com auxílio de falantes indígenas das aldeias Jaguapirú e Bororó, ambas circunvizinhas ao município de Dourados, Estado de Mato Grosso do Sul (Brasil).

### **1. Sistema de marcação de caso**

É sabido que a marcação de caso aponta para dois níveis diferentes de análise: um inter-clausal, em que se opõem predicados bi argumentais e predicados mono argumentais e; outro intra-clausal, em que se consideram as estratégias de codificação de caso relativas aos aspectos morfosintáticos dos sintagmas nominais (SNs) e do predicado de uma mesma cláusula (oração). Ressaltamos, desde já, que a análise das diferentes configurações da marcação de caso em kaiowá é que conduziu-nos a análise da categoria de voz, em específico, das construções com voz direta ou voz inversa.

Dixon (1994, p.39) expõe que o sistema de marcação de caso no nível intra-clausal (também denominado pelo autor de ergatividade morfológica) distingue, basicamente, as três possibilidades: S=O (absolutivo), A diferente (ergativo) - um sistema ergativo; S=A (nominativo), O diferente (acusativo) - um sistema acusativo e A, S e O diferentes - um sistema "tripartite". No entanto, segundo o autor, algumas línguas empregam uma mistura de estratégias (acusativo e ergativo) para marcação intra-clausal das funções sintáticas. A mistura de diferentes fatores

condicionam estas cisões (split). A Cisão Intransitiva (Split-S) é condicionada pela natureza semântica do verbo. Em línguas com esse tipo de sistema: S identifica-se com A = (Sa) e outro (S) identifica-se com (O)= (So)<sup>1</sup>.

1 Sa = sujeito intransitivo semanticamente similar a A (sujeito transitivo) e So = sujeito intransitivo semanticamente similar a O (objeto) (cf. Dixon, 1994 p.70).

Conforme Dixon (op. cit.), a função de um SN na sentença pode ser marcada por um mecanismo (estratégia) ou pela combinação deles: (a) flexões de caso: as formas em que o caso é marcado num SN pode variar; (b) partículas separadas ou pré/posposições marcam função sintática e (c) o verbo ou um auxiliar pode incluir alguma indicação de pessoa, número, gênero etc. em acordo com SNs em certas funções sintáticas. Tendo considerado tais pressupostos, apresentamos, em (1.1), uma análise do sistema de marcação de caso intra-clausal, e, em (1.2), nossa análise da inversão semântica em kaiowá.

### 1.1 Sistema de Marcação de Caso Intra-clausal

Com relação à análise de *marcação de caso intra-clausal* em kaiowá, consideramos para além das combinações das estratégias linguísticas apontadas teoricamente por Dixon (1994), a Hierarquia de Pessoa (1>2>3), traço característico de línguas da família tupi-guarani, e uma terceira série de prefixos marcadores de pessoa (Série III)<sup>2</sup> que só ocorrem em orações transitivas independentes, para então, propormos em síntese que:

i) em kaiowá, o caso **Nominativo/Acusativo** ocorre quando: (A) é hierarquicamente maior que (O), sendo este uma não-pessoa do discurso. As estratégias de codificação usadas para identificar esse caso são: (A) por meio da concordância (nominativa) entre SN

<sup>1</sup> Sa = sujeito intransitivo semanticamente similar a A (sujeito transitivo) e So = sujeito intransitivo semanticamente similar a O (objeto) (cf. Dixon, 1994 p.70).

<sup>2</sup> A serie III é constituída dos seguintes prefixos em kaiowá: o de 1<sup>a</sup>. sg/pl -2<sup>a</sup>. sg {oro- ~ ro-} e o de 1<sup>a</sup>. sg/pl -2<sup>a</sup>. Pl {opo- ~ po-}.

e a série I marcada no predicado transitivo; e (O) por meio da marcação morfológica de caso acusativo no SN {pe ~ -ʃupe}. Ressaltamos que a ordem dos constituintes é livre, quando há marcação de caso acusativo junto ao SN (O). Sendo a marcação morfológica de caso acusativo opcional, a não marcação de caso no SN força a mudança de estratégia de codificação, passando a configurar a ordem dos constituintes, que preferencialmente é SVO.

**(1) Nominativo/Acusativo - série I (A > O)**

[ore roĩnũˈpã iʃuˈpe kwera]

ore ro- i- nupã i -ʃu -pe kwera

nós 1ªpl(excl)-rel-bater n/pd-posp-Acus pl 'nós batemos neles'

ii) o caso **Ergativo/Absolutivo** ocorre quando: (A) é hierarquicamente menor que (O), sendo este um paciente mais tópico. As estratégias de codificação usadas para identificar tais casos são: (A) por meio da concordância (ergativa) não-marcada, entre SN e a série II; e (O) por meio dos pronomes (série II) afixados na morfologia verbal, bem como pela não ocorrência de um SN (O) pleno, regendo a ordem SOV.

**(2) Ergativo/Absolutivo - série II (A < O)**

[pẽˈẽ orereˈʃa]

pẽẽ ore= r- eʃa

vocês 1ªpl (excl)(O)= rel- ver 'vocês nos vêem'

iii) o **Ergativo/Acusativo** ocorre quando: (A) e (O) são, simultaneamente, marcados na morfologia verbal, sendo ambos pessoas do discurso. As estratégias de codificação usadas para identificar o caso são: (A) por meio da concordância (ergativa) entre SN e a série III, marcada apenas em predicados transitivos; e (O) pela concordância (acusativa) e pela ordem SOV.

**(3) Ergativo/Acusativo - série III (A / O)**

[ʃe poĩnũˈpãta]

ʃe po- i- nupã -ta

eu 1ª/2ªpl-rel-bater-Fut 'eu baterei [em] vocês'

Pudemos observar que o kaiowá possui duas estratégias diferentes para marcar a função de (O) de caso acusativo, havendo uma cisão, aqui denominada, **Cisão Acusativa**. Em suma, os SNs em função de (O) acusativo que, sintaticamente, ocorrem marcados por núcleos nominais morfologicamente marcados por caso acusativo, também codificam a não-pessoa do discurso. Já a função de (O) acusativo que vem codificada na morfológica verbal transitiva e não por meio de SNs, essas envolvem as pessoas do discurso (1<sup>a.</sup> e 2<sup>a.</sup>), marcadas cumulativamente pelos prefixos da série III. Por fim, assumimos que os prefixos da série III codificam simultaneamente as funções de (A/O), sendo essas compostas por pessoas do discurso, resultando num alinhamento ergativo/acusativo.

Ressaltamos que a série III - marcadora de caso acusativo - não ocorre com verbos intransitivos, por isso, não é considerada ao postularmos que o kaiowá possui um Sistema Ativo/Inativo (ou *split-S*), em que (A) é codificado no mesmo caminho que (Sa) e (O) no mesmo caminho que (So). Portanto, podemos deduzir que (A) e (Sa) marcam o nominativo e (O) e (So) o absolutivo, resultando em um alinhamento Nominativo/Absolutivo.

Com já mencionamos, a análise das diferentes configurações da marcação de caso em kaiowá é que conduziu-nos a análise da categoria de voz, em específico, das construções com voz direta ou voz inversa. Segue a análise.

## 1.2 Inversão Semântica em Kaiowá

A análise das construções inversas ou diretas, em kaiowá, ampara-se nos estudos de Payne (1994), Givon (1994) e Gildea (1994). Conforme Givon, as línguas podem apresentar inversão do tipo semântica ou pragmática. O que é único para as línguas que possuem um ou outro tipo de inversão é:

- a. Pragmatic inverse: "If the agent is more topical than the patient (...), the direct-active clause is used. If norm (...) is reversed and the patient is more topical, the inverse clause is used".

b. Semantic inverse: "If the agent outranks the patient on the relevant generic topic hierarchy (...), the direct-active clause is used. If the relevant norm is reversed and the patient outranks the agent on the relevant hierarchy, the inverse clause is used". (GIVON, 1994, p.23).

Ainda segundo o autor, uma língua possui "inversão semântica? se o agente exceder em importância o paciente sobre a hierarquia de tópico, a cláusula "direta-ativa" é usada, se ocorre o contrário, então, usa-se a cláusula inversa. Nas palavras de Gildea (1994):

In an inverse system, when Speech Act Participants (the interlocutors, first and second person - hereafter SAPS) are either subject (A) or direct object (O) of a transitive verb, direct/inverse morphology is grammatically determined. When A is first or second person and O is third person (1A/2A → 3O), the clause must take direct morphology. In contrast, when A is third person and O is first or second person (3A → 1O/2O), the clause takes **inverse** morphology. (Gildea, 1994 p.187-188)

Payne, em seu texto intitulado "The Tupí-Guaraní Inverse" (1994), propõe que as línguas tupi-guarani que apresentam construções com pronomes marcadores de pessoa da série II, seguindo do prefixo relacional {r-}, ou nos termos da autora, construção Conjunto 2/r-, são línguas que possuem um Sistema Inverso. Nestas línguas, a mudança de uma construção direta para uma construção **inversa** é completamente gramaticalizada em termos da Hierarquia de Pessoa (1>2>3), e quando estão envolvidas duas 3as pessoas, a construção é gramaticalizada como **direta**, sendo marcada invariavelmente com o conjunto 1 e não marcada com o morfema indicador de inverso **r-**.

Para o kaiowá, em específico, assumimos que essa seja uma língua de **Sistema Inverso**, ou ainda, de **Inversão Semântica**, nos termos de Givon, uma vez que, nessa língua, a codificação de (A) ocorre quando este é hierarquicamente mais alto que (O), sendo marcado com a série I ou III, seguido do morfema indicador

de voz direta { **i-**}, como em (b), (c) e (d) do quadro (1). Sendo (O), hierarquicamente, mais alto, marca-se o (O) com a série II, seguido do morfema marcador de voz inversa { **r-**}, como em (e), (f) e (g) do referido quadro.

Quadro 1: Codificação de (A) e (O)

	<b>A</b>	<b>O</b>	<b>MARCAÇÃO</b>
(a)	1 <sup>a</sup>	2 <sup>a</sup>	<b>Série III (portmanteau)/ i-</b>
(b)	1 <sup>a</sup>	3 <sup>a</sup>	<b>Série I/ i-</b>
(c)	2 <sup>a</sup>	3 <sup>a</sup>	<b>Série I/ i-</b>
(d)	3 <sup>a</sup>	3 <sup>a</sup>	<b>Série I/ i-</b>
(e)	2 <sup>a</sup>	1 <sup>a</sup>	<b>Série II/ r-</b>
(f)	3 <sup>a</sup>	1 <sup>a</sup>	<b>Série II/ r-</b>
(g)	3 <sup>a</sup>	2 <sup>a</sup>	<b>Série II/ r-</b>

Os dados abaixo evidenciam que o kaiowá codifica (A), junto a verbos transitivos de sentenças independentes, por meio dos prefixos da série I, seguido do morfema { **i- ~ h-** } marcador de voz direta (4 e 5), quando (A) é, hierarquicamente, mais alto que o argumento interno (O), e quando este é codificado por meio dos clíticos pronominais da série II, seguido do marcador de voz inversa { **r-** } (6), pois (O) é, hierarquicamente, mais alto que (A).

(4) **marca-se caso nominativo/acusativo e voz direta com { i- ~ h- }**

a) **1 A** → **3 O**

ore ro- i-nupã i-ʃupe kwera

nós 1<sup>a</sup>pl(excl)(A)-dir-bater 3<sup>a</sup>/rel-Acus pl

‘nós batemos [n]eles’

b) **2 A** → **3 O**

peẽ pe- h- eʃa i- ʃupe kwera

Vocês 2<sup>a</sup>pl(A)-dir-ver 3<sup>a</sup>/rel-Acus pl

‘vocês vêem eles’

c) **3 A** → **3 O**

naŋwa o- i-suʔu kunũmĩ-pe

cachorro 3<sup>a</sup>.(A)-dir-morder menino-Acus

‘o cachorro mordeu o menino’

**(5) marca-se caso ergativo/acusativo e voz direta com { i- ~ h- }****a) 1 A → 2sg O**

ʃe ro- h- aɲhu

eu 1<sup>a</sup>/2<sup>a</sup>sg(A/O)-dir-amar

'eu te amo'

**b) 1 A → 2 pl O**

ʃe po- i- nupã-ta

eu 1<sup>a</sup>/2<sup>a</sup>pl(A/O)-dir-bater-Fut

'eu baterei [em] vocês'

**(6) marca-se caso ergativo/absolutivo e voz inversa com { r- ~ Ø- }****a) 2 A → 1 O**

ne-tipo ʃe- r- eʃa woɲ

você-inter 1<sup>a</sup>.sg(O)-inv-ver mesmo

'você me viu mesmo?'

**b) 3 A → 1 O**

haʔe ʃe- r-aɲhu

ele 1<sup>a</sup>.sg(O)-inv-amar

'ele me ama'

**c) 3 A → 2 O**

haʔe ne- ø- nupã

ele 2<sup>a</sup>sg(O)-inv-bater

'ele te bate'

Elucidamos que em Cardoso (2008), assumimos que os prefixos da série III codificam simultaneamente as funções de (A/O) (cf. 9), sendo essas compostas por pessoas do discurso, resultando num alinhamento ergativo/acusativo, e que os predicados transitivos que codificam pessoa e caso por meio dos prefixos da série III, também, identificam a voz direta por meio de prefixo { i-}.

Segundo Payne (1994), quando estão envolvidas duas 3<sup>as</sup>. pessoas, a construção é gramaticalizada como **direta**, sendo marcada invariavelmente com o conjunto 1 e não marcada com o morfema indicador de inverso r-. Martins (2003), ao analisar o mbyá (guarani), defende que a proposta de sistema inverso, feita por Payne para as línguas tupi-guarani, não se sustenta porque "não explica a distribuição do prefixo de 3<sup>a</sup>., entendido como um pronome inativo, em construções diretas, já que, segundo ela, o sistema pronominal dividido em ativo/inativo também orienta o sistema direto/inverso." (MARTINS, 2003, p84).



Contudo, assumimos para o kaiowá, que quando estão envolvidas duas 3<sup>as</sup>. pessoas, como em (4c), o prefixo {o-} marca (A) e o relacional {i-} marca a voz direta e não o pronome inativo codificador de (O), uma vez que, em kaiowá, o morfema {i-} coocorre com os prefixos *portmanteau*, que codifica A e O simultaneamente.

(7) **3 A** —————>**3 O**

naŋwa o- i-suʔu kunũmĩ-pe  
cachorro 3<sup>a</sup>.(A)-dir-morder menino-Acus 'o cachorro mordeu o menino'

Fazemos referência à Givon que, ao tratar de aspectos relativos às línguas ergativas que exibem contrastes semântico-hierárquicos, enfatiza: "When the agente is higher on the relevant topicality hierarchy, the transitive clause is coded as *nominative*. When it is lower, it is coded as *ergative*" (GIVON, 1984, p.167).

De tal modo, apresentamos um quadro resumo, contendo nossa proposta de análise da marcação de caso e voz na morfologia intra-clausal da língua kaiowá:

Quadro 2. Cisão de caso e inversão semântica em kaiowá

A O	Hierarquia	CASO	VOZ
1 - 3	A > O	NOMINATIVO/ACUSATIVO	<b>DIRETA</b>
2 - 3			
3 - 3			
1 - 2	A/O	ERGATIVO/ACUSATIVO	<b>DIRETA</b>
2 - 1	A < O	ERGATIVO/ABSOLUTIVO	<b>INVERSA</b>
3 - 1			
3 - 2			

Considerando o quadro síntese acima, assumimos, para o kaiowá, que as construções marcadas com a série II/r-, são tidas como construções **inversas**, tendo o morfema {r-} como marcador de voz **inversa** (como propôs Payne), e quanto as construções são marcadas com a série I/i- ou com a série III/i, propomos que

sejam construções **diretas-ativas** (como enfatizou Givon), tendo o morfema { i-} como marcador de voz **direta**, resultando em uma língua de **Inversão Semântica**.

### 3. Considerações finais

A análise da marcação de caso e suas cisões aponta para dois níveis diferentes de análise. No que se refere à marcação de caso entre predicados bi e monoargumentais, assumimos que o kaiowá, assim como o kamaiurá (Seki, 2000), é uma língua de Sistema Ativo/Inativo (Cisão Intransitiva). Quanto à marcação de caso intra-clausal, propomos que o Kaiowá apresente cisões: i ) **nominativo/acusativo** que ocorre quando: (A) é hierarquicamente maior que (O), sendo este uma não-pessoa do discurso; ii ) **ergativo/acusativo** que ocorre quando: (A) é também hierarquicamente maior que (O), sendo ambos pessoas do discurso e, iii ) **ergativo/absolutivo** que ocorre quando: (A) é hierarquicamente menor que (O), sendo este um paciente mais tópico.

Tomamos, ainda, que a **cisão acusativa** seja é orientada por dois tipos de motivação: uma morfossintática e outra de cunho pragmático. A motivação morfossintática é promovida pelo tipo de marcação de (O), se este for marcado na **estrutura morfológica verbal** (de modo similar ao caso absoluto) identifica-se o caso acusativo, por meio da série III. Já a motivação denominada pragmática, leva em conta a correlação de personalidade que opõe as pessoas *eu/tu* à não-pessoa *ele*. Haja vista que os participantes de 1<sup>a</sup> e 2<sup>a</sup> pessoas já estão, simplesmente, no ato de fala e são, inerentemente, mais tópico que a 3<sup>a</sup> pessoa.

Por fim, em se tratando da análise da categoria de voz, assumimos que o kaiowá é uma língua de Inversão semântica, uma vez que, a codificação de (A) ocorre quando este é hierarquicamente mais alto que (O), sendo marcado com a série I ou série III, seguido do morfema indicador de voz direta { i-}; sendo (O), hierarquicamente, mais alto, marca-se o (O) com a série II, seguido do morfema marcador de voz inversa { r-}.

### Referências Bibliográficas

- Andrews, A. The major functions of the noun phrase. In: Shopen, T., ed. *Language Typology and Syntactic Description*. Vol. I. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.
- Cardoso, V. F. *Aspectos Morfossintáticos da Língua Kaiowá (Guarani)*. 2008. Tese (Doutorado em Lingüística) - IEL, UNICAMP, Campinas.
- Estudo Preliminar da Morfossintaxe verbal da língua Kaiowá/Guarani. In: *Estudos Lingüísticos (GEL)*-, 2005b (<http://gel.org.br/4publica-estudos-2005/4publica-estudos-2005-pdfs/estudo-preliminar-da-morfossintaxe-1216.pdf>).
- Dixon, R. M. W. Ergativity. in: *Language*. 55. 1979, p. 37-138.
- *Ergativity*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- Gildea, S. Semantic and pragmatic inverse: "Inverse alignment?" and "Inverse voice?" in Carib og Surinam. In: *Voice and Inversion*. Amsterdam: John Benjamins, 1994.
- Givón, T. *Syntax: a functional-typological introduction*. Vol. I. Amsterdam/Philadelphia, 1984.
- Martins, M. F. *Descrição e análise de aspectos da gramática do Guarani Mbyá*. Campinas, Tese de Doutorado - UNICAMP, 2003.
- Payne, D. The Tupi-Guaraní Inverse. In: Bárbara Fox and Paul J. Hopper. (eds.) *Voice: Form and Function*. Amsterdam and Philadelphia, John Benjamins. 1994, p 131-40.
- Rodrigues, A. D. *Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Loyola, 1985.
- Seki, L. *Gramática do Kamaiurá: língua tupi-guarani do Alto Xingu*. Campinas/São Paulo: Editora da UNICAMP/Imprensa Oficial, 2000.